

ENSINO DE GEOGRAFIA E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE OSVALDO CARNEIRO CHAVES

Francisco Domingos Sávio Andrade

ps_edu@hotmail.com

Marize Lucinao Vital M. de Oliveira

marizevital@gmail.com

Martha Maria Júnior

jr.martamaria@gmail.com

RESUMO

As reflexões aqui apresentadas, faz um breve resgate histórico de como a geografia se consolida como disciplina escolar, também possibilita refletir sobre, através das produções de livros e manuais. Uma tentativa de síntese, das vivências em sala de aula como aluno da academia, como professor de geografia da educação básica no ensino fundamental II, e como estagiário. Apresentando também, os resultados de um projeto de intervenção pedagógica sobre educação no trânsito realizado na Escola de Ensino Fundamental I e II Padre Osvaldo Carneiro Chaves, em Sobral (Ce.), esperando contribuir com a construção do conhecimento geográfico e com uma educação crítica que discute como e o que ensinar aos nossos alunos.

Palavras-chave: Ensino de geografia; Intervenção pedagógica; Educação no trânsito

RESUMEN

Las reflexiones que se presentan aquí, hace una breve reseña histórica de cómo la geografía como disciplina escolar también permite reflexionar sobre, a través de libros y manuales producciones. Un intento de síntesis de las experiencias en el aula como un estudiante de la academia como profesor de la geografía de la educación básica en la escuela primaria II, y como aprendiz. Ofreciendo también los resultados de un proyecto de intervención pedagógica en la educación vial que tuvo lugar en la Escuela de Enseñanza Primaria I y II Padre Osvaldo Carneiro Chaves, en Sobral (Ce.) , Con la esperanza de contribuir a la construcción del conocimiento geográfico y una educación crítica discute cómo y qué enseñar a nuestros estudiantes.

Palabras-clave: Enseñanza de la geografía; Intervención pedagógica; La educación vial

1. INTRODUÇÃO

Com os atuais processos de globalização e transformações, o conhecimento e suas gestão na escola tornou-se instrumentos fundamentais. Há um redesenho de políticas educacionais e por consequência também, um redesenho na organização dos tempos e espaços da escola. No campo da geografia a realidade não é diferente. Pensar o ensino de geografia no currículo da educação formal, é de um modo geral, pensar a função social do conhecimento geográfico e como os indivíduos são capazes de situar-se em um mundo em permanente mudança, compreendendo-o, interpretando-o e, com ele, interagindo. Ou entre outros, o ensino de geografia oportuniza os sujeitos, atuarem nos espaços de suas experiências com o

olhar mais crítico, que possam perceber os conflitos da realidade, suas contradições e sua permanente (re)criação, possibilitando também relacionar o ensino de geografia com a formação cidadã, ética, intelectual e emancipadora dos sujeitos. Portanto, a geografia escolar, se coloca atualmente, como uma área comprometida socialmente com a produção da condição humana.

O ensino de geografia relacionado com a formação cidadã, vai de encontro aos preceitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S), trabalhar com o tema ética diz respeito as relações humanas presentes na escola, posto que esta não é um espaço isolado ela ocupa um lugar importante na comunidade. A escola, no caso e em relação ao tema proposto no projeto de intervenção “educação no trânsito”, precisa estabelecer uma relação entre ética e trânsito estimulando, dessa maneira, a reflexão do aluno sobre sua conduta e a dos outros, a partir de valores e princípios que norteiam o cotidiano dos mesmos. Dessa forma o ensino de geografia contribui para a formação da cidadania através da prática construindo e reconstruindo conhecimentos, habilidades, valores, de modo que crianças e jovens compreendam e atuem na realidade e mundo em que vivem.

Assim, dentro das atividades do Estágio Curricular Supervisionado, há diversas possibilidades formativas na realização de intervenções pedagógicas, o projeto de intervenção em questão resultou dentre vários levantamentos, dos possíveis temas para a geração do Projeto de Intervenção Pedagógica, a partir de depoimentos de alguns profissionais sobre os anseios e prioridades da escola campo do estágio.

Quanto a realização da intervenção, foram trabalhadas atividades relacionadas diretamente com a proposta final que gerou o projeto. Os resultados foram significativos em todos os níveis do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o arcabouço constituído dos saberes teóricos e práticos vivenciados com a pesquisa dentro da escola foi abstraído, incorporado e assumido pelo grupo que pesquisou, trabalhou e se dedicou a esse Projeto de Intervenção Pedagógica.

2. REVISÃO DA LITERATURA

A história do ensino de geografia no Brasil mostra como ela foi sendo trabalhada nos primeiros anos nas instituições de ensino e nos órgãos especializados, e pelos profissionais que iniciaram esse trabalho, Moreira (2014), indica como se deu esse início.

Com a fundação das universidades nos anos de 1930 que a Geografia surge no Brasil, nascendo já com esse corte de saber especializado e especialidade de um profissional. Com ela nasce também a Associação Brasileira de Geógrafos (AGB) que vai cumprir no país o papel exercido no contexto europeu pelas sociedades de Geografia (MOREIRA, 2014, p. 96).

Desse período, destaca-se o surgimento da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e também do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo assim, correspondendo ao saber geográfico produzido na universidade, e da geografia aplicada e operacional pelos institutos.

Em relação ao ensino escolar, Moreira (2014) destaca a elaboração e o papel dos livros produzidos, considerando três fases, baseado no tripé clássico N-H-E¹, copiado do sistema francês.

São livros que expressão o modo como o ensino escolar dialoga de um lado com o fluxograma dos currículos universitários, onde é formado o professor escolar, no estilo da relação universidade-escola europeia, e de outro com os programas oficiais, obrigatórios e padronizados para todas as escolas do país. E que podemos diferenciar em três fases – a fase clássica, a fase de transição e a fase atual – seguindo o modo de tratamento que seus autores dão na sequência do tempo ao modelo do arquétipo-acamamento N-H-E trazido do sistema francês (MOREIRA, 2014, p. 97).

No primeiro momento, considerado por Moreira (2014), como a fase clássica da geografia brasileira, iniciada em 1930 indo até 1970, as principais produções elaboradas neste período ficaram por conta das contribuições de Aroldo de Azevedo, onde a estrutura N-H-E aparece muito bem definida em suas obras, e que por todo esse período serviu como principal fonte para o ensino de Geografia para a formação de professores e na educação escolar. Desse período histórico partiram a grande maioria dos ensinamentos das universidades baseados na estrutura compartimentada onde primeiro se ensina os conteúdos referente à Natureza, depois com a presença do homem e suas ações, e depois os aspectos da economia. Dessa forma, os professores universitários, e professores da educação escolar disseminaram a forma de ensino, que se perpetuou por longas datas, até o período atual, a tradicionalidade, e a compartimentação do ensino de geografia é reflexo desse período clássico.

No segundo momento, onde uma série de transformações e acontecimentos ocorria no mundo, como a guerra fria, o processo de globalização, o aprimoramento dos meios de

¹ Natureza-Homem-Economia (MOREIRA, 2014).

comunicação e informação, trouxeram novos desafios para o ensino de geografia. A fase de transição (década de 1970) considerado por Moreira (2014) abre espaço para uma nova forma de se trabalhar os conteúdos no sentido da apresentação, pois estes não tinham mais o caráter formativo, pois isso estaria ultrapassado para o ensino e para o professor, nesse período os meios de comunicação já desenvolvia uma forte influência na sociedade, e abordava assuntos que faziam parte das discussões da geografia, perante isto, os livros didáticos apareciam como manchetes e o professor como o sujeito atualizado das questões daquele momento.

A estrutura piramidal de acamamento dá lugar à fragmentária de acamamento pura e simples. O mapa e a foto perdem a interação didática que tinham entre si e com o texto para virem a aparecer basicamente como recursos de ilustração. E a formação dá lugar à informação (MOREIRA, 2014, p. 100).

A terceira e última fase, das inovações que iniciaram no início da década de 1980 e prevalece até o atual momento, aparece nos livros geralmente com a mesma estrutura N-H-E, com algumas inovações, onde Moreira (2014) aponta em sua obra as novas metodologias que cada livro dessa fase vem trazendo em seus conteúdos, porém em sua análise, ele vai destacando os erros e acertos que cada livro didático dos diferentes autores contém.

Essa inovação parte da busca da interação entre os conteúdos do livro baseado sempre na estrutura tradicional de se trabalhar a natureza em primeiro plano, com a ação humana no segundo momento, através das atividades econômicas por fim.

Além do destaque sobre esse novo período das produções dos livros didáticos, devemos ressaltar o cenário vivido naquele momento, pois no Brasil a Geografia passava por uma forte transformação política e ideológica, em 1978 a partir do encontro da Associação dos Geógrafos Brasileiros(AGB), realizado Fortaleza-CE, algumas personalidades já renomadas no meio acadêmico ganhavam destaque, nomes como de Milton Santos, com sua obra “Por uma Geografia Nova”, José William Vesentini e Ruy Moreira, deram uma nova roupagem as discussões a cerca da geografia brasileira. Porém essas discussões refletiram avanços apenas na universidade, pois as abordagens na educação básica continuaram as mesmas, o professor na tentativa de trabalhar os conteúdos de forma integrada sempre caía na fragmentação, ao se deparar com os conteúdos ofertados nos livros, essa tentativa de integração não passava de uma síntese daquilo que o professor aprendeu também de forma

fragmentada na academia, onde Moreira (2014) destaca também a fragmentação e compartimentação do currículo universitário.

A estrutura N-H-E é em si não mais que uma estratégia de ajuste epistemológico face o desmonte de integralidade pelo formato positivista e depois neokantiano da ciência geográfica. A integralidade fisicista do positivismo fornece-lhe a primeira forma. A fragmentaridade pulverizadora do neokantismo, a segunda. Até que o combinado de Geografia Sistemática e Geografia Regional se oferece como solução. É esse formato original que vemos orientar as construções discursivas dos currículos universitários e capitulares dos livros didáticos (MOREIRA, 2014, p. 112).

A construção do pensamento, e das produções geográficas no Brasil de certa forma contribuíram para uma gama de estudos em diversos setores da sociedade, econômicos e da natureza, porém a geografia ensinada em sala de aula, ainda não conseguiu contribuir para um direcionamento eficaz para uma nova sociedade, consideramos isso um problema na formação do professor, pois Moreira (2014) ao discutir a ideologia do Brasil que se ensina destaca.

É de se indagar, assim, que o Brasil a Geografia do Brasil que se ensina faz então desfilar. Qual é o Brasil do professor? Duas linhas de respostas se desdobram de imediato frente a essas perguntas. Uma que apresenta o Brasil como um formado de reunião de partes tão diferenciadas umas das outras que esse todo acaba por não ter uma face propriamente de sociedade brasileira. Outra que oculta por trás das expressões adjetivas como país tropical, país-continente, país-potência, país do futuro, país em desenvolvimento, país emergente uma leitura que se passa de uma concepção de país, não de sociedade com sujeitos de carne e osso propriamente. Discursos de um Brasil sem o rosto que o personalize. São discursos de politização pela despolitização do sujeito. Tem cara de que/quem o Brasil? (MOREIRA, 2014, p. 131).

É diante dessa despolitização, e da falta de conhecimento por parte da grande maioria dos profissionais de geografia, é que ela está sendo mal conduzida na educação escolar, a ciência que deveria ser formadora de uma sociedade, construtora de cidadãos pensantes e críticos, nada tem contribuído para desmantelar o sistema acomodação feito pelo grande capital na política dos resultados, na educação básica. O ensino de geografia deve ter entre muitos papéis contribuir na formação dos alunos como cidadãos pensantes para a compreensão e atuação no mundo. A geografia estaria fazendo o seu papel como ciência que se denomina como crítica. Porém no cotidiano não é dessa forma que acontece.

Segundo a LDBN, 1996,

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (LDBN, 1996, p. 08).

As questões relacionadas à educação, ela atribui à escola e ao Estado. Pensar a educação e formação de cidadãos críticos e atuantes vai além da escolarização oferecida obrigatoriamente pelo Estado, os insucessos ocorridos hoje em uma sociedade altamente conturbada, com diferentes valores de formação ética e cidadã, modos e formas de pensar e agir. Por sua vez, é tudo que o Estado precisa para manter as relações de dependência da sociedade. Logo em seguida se fala em liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Mas que liberdade? Aquela em que só o professor fala obedecendo todas as diretrizes da direção e da secretária de educação, e que o aluno é um mero expectador, calado e sentado. E que solidariedade humana? Essa que estimula a competitividade entre as pessoas, e que não existe limites para a exploração. O atual modelo de escola no município de Sobral, e também em várias partes do Brasil e do mundo, não estão muito diferentes daquela estabelecida na primeira revolução industrial no século XVIII, como nos aponta VESENTINI, 1996.

A escola implantada no final do século XVIII e principalmente no século XIX, inicialmente nos países europeus e em alguns outros (Estados Unidos e Japão) que também acompanharam a industrialização clássica daquele momento, foi uma instituição voltada para enaltecer ou reforçar o patriotismo (pois a idéia de "mercado nacional" ganhava força e impulsionava as mudanças político-territoriais que criaram ou consolidaram os Estados-nações) e para implantar um novo sistema de valores adequados à sociedade mercantil, produtora de mercadorias. Tempo como valor de troca ("se gasta e não mais se vive"), espaço como lugares geometrizados e fixados por uma divisão do trabalho, um mínimo de matemática (afinal se mexia cada vez mais com dinheiro, com contas), um idioma "pátrio" ou oficial (os outros viravam "dialetos") a ser aprendido e uma história e uma geografia chauvinistas: esses foram os alicerces básicos da escola da Primeira Revolução Industrial (VESENTINI, 1996,p. 05).

Dessa forma professores de geografia e das demais ciências humanas, não encontraram um terreno fértil para desenvolver com seus alunos, metodologias que atendam a dinâmica do mundo, pois o que está estabelecido traz nas suas raízes fortes aliados do Estado e do capital.

Diante do atual contexto da educação brasileira e da realidade das escolas de ensino básico, como a geografia pode contribuir na formação dos sujeitos? De que maneira os professores poderiam inovar na sua prática de sala de aula?

Apesar da LDBN indicar que o sujeito deve ter uma formação plena e que a geografia está garantida nos currículos escolares, muitas vezes o professor de Geografia e das demais ciências humanas devem contribuir para a formação dos sujeitos, reafirmando a afirmação de Oliveira, 1998 “que ela vem sendo chamada cada vez mais para explicar o mundo” e cujo papel do novo professor é de se aliar a essas novas tecnologias para repensar a sua atuação, trazer para a sala de aula a essência, das atividades humanas, buscando no movimento de ensino/aprendizagem a totalidade sempre buscando trabalhar a realidade onde o aluno está inserido, mas devemos ressaltar que essa realidade não é imediata, mas a realidade como um processo histórico, interligando com outros locais, assim esclarecidos por Cavalcanti, 2011.

indica-se que, ao estudar os temas, deve-se ir do local ao global e deste ao local. Por um lado, há nessas recomendações a preocupação em dar significado aos conteúdos geográficos para o próprio aluno, fazendo ligação mais direta dos conhecimentos trabalhados em sala de aula com seu cotidiano, com sua vida imediata, com a realidade experimentada; por outro lado, nelas também está a ideia de que no lugar é possível encontrar elementos da realidade mais ampla, na compreensão de que nele tem-se a manifestação do global (CAVALCANTI, 2011, p.197).

Somente com uma boa formação, investimentos na educação básica, mudanças estruturais nas relações de avaliação e vontade de mudanças é que o professor poderá contribuir na construção de uma sociedade mais justa.

3. METODOLOGIA

Este estudo combinam as atividades desenvolvidas como acadêmico do curso de licenciatura em geografia, no caso o estagiário e o agente de trânsito do município de Sobral. Caracterizada como pesquisa ação, é um tipo de pesquisa social e teve como base empírica a escola Padre Osvaldo Carneiro Chaves, em que, a partir de uma abordagem qualitativa teve como foco a solução de um problema, onde pesquisadores e participantes foram envolvidos de modo participativo (THIOLLENT,1997).

A pesquisa foi desenvolvida com alunos do 8ºano A, um total de 44 alunos, no turno da manhã, no período de 5 de agosto a 29 de outubro de 2013. A construção do projeto de

intervenção resultou das observações realizadas pelo estagiário, que possibilitou identificar o problema na escola e em todo seu entorno, o desconhecimento dos alunos e da comunidades de regras básicas para a convivência pacífica, sem contar que o trânsito se tornou uma questão de saúde pública em Sobral, pelas altas estatísticas encontradas nos hospitais do município, resultados dos acidentes de trânsito. Portanto, metodologicamente, no primeiro momento foram realizadas as leituras sobre o tema, bem como a construção do projeto de intervenção, construído com a participação da escola (alunos, professores). Finalizado o projeto, foram selecionados textos e vídeos sobre o tema de modo a auxiliar nas duas oficinas que foram realizadas com a comunidade escolar com o objetivo de sensibilizar os educadores para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao trânsito na escola e outra com pais de alunos e moradores do bairro, com a participação do alunos e professores. Saber o que as pessoas pensam, quais os seus anseios, quais as suas necessidades, foi fundamental para inserir a Educação do Trânsito, como tema transversal e como instrumento de conscientização a partir das aulas de Geografia na Padre Osvaldo Carneiro Chaves.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola Padre Osvaldo Carneiro Chaves de Ensino Fundamental I e II sediada à Rua Antonio Rodrigues Magalhães, 225, no Bairro Dom Expedito, no município de Sobral-CE, criada pelo Decreto Nº 953 de 02 de agosto de 2007. Trata-se de uma instituição mantida pela Prefeitura Municipal de Sobral e tem como diretriz a formação básica de seus alunos mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender a ler, escrever e calcular; tendo a compreensão do ambiente natural e social do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade, sendo sujeitos capazes do exercício pleno de sua cidadania, fornecendo meios para progredir no trabalho e em seus estudos posteriores.

O Bairro, de localização da mesma, se caracteriza por indicadores sociais muito baixos, que certamente influenciam nas complexas relações sociais dos sujeitos que ali habitam, pois os problemas são frequentes, como: conflitos familiares, tráfico de drogas, assaltos, e intrigas entre grupos rivais, refletem de forma direta no dia a dia da escola. Compreender essas problemáticas, requer o entendimento e a proposição de práticas que atenda as demandas da sociedade e no caso específico do professor, procurar...

... a todo custo evitar o comodismo intelectual e a burocratização das relações sociais e educacionais é uma das mais importantes tarefas para que

o ensino não apenas reproduza as demandas para a ampliação da realidade, mas, principalmente, contribua para formar cidadãos mais ativos e críticos, e, com isso, uma sociedade cada vez mais democrática e pluralista (VESENTINI, 1994, p. 26).

Portanto, as vivências e experiências na escola Padre Osvaldo Carneiro Chaves, foram frutos da realização do estágio supervisionado em geografia, e que na visão de Pimenta e Lima (2004), “ o estágio é o eixo central na formação de professores, pois através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia”. Portanto, fundamental não só para a formação profissional do futuro professor, mas complementa o processo de ensino-aprendizagem, por meio da conscientização das deficiências individuais, melhorando e buscando o aprimoramento pessoal e profissional.

O estágio tem o papel de fazer uma ponte entre o saber teórico e o saber prático, ambos são saberes indispensáveis, onde o teórico a universidade com a ajuda do aluno faz muito bem e o prático, onde a escola faz oferecendo o lugar, o ambiente de trabalho do futuro professor precisa para se completar para essa convivência da entrada na escola, que é feita pelo estágio.

O estágio supervisionado tem um papel fundamental na formação do futuro professor. É o estágio tanto de observação e participação, como de regência, que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar o novo profissional (PASSINI, 2013, p. 29).

O estágio supervisionado é de suma importância para os alunos durante sua formação acadêmica, sendo nesse contexto que vivenciado-o possibilitou-se na escola campo de estágio, trabalhar com a intervenção pedagógica.

A intervenção Pedagógica é uma interferência que um profissional, no caso o aluno estagiário, faz sobre um processo de desenvolvimento ou aprendizagem do assunto o qual no momento apresenta problemas. Entende-se que na intervenção o procedimento adotado interfere no processo, com o objetivo de compreendê-lo ou corrigi-lo.

O projeto de Intervenção intitulado “Educar Para o Trânsito” realizado durante o Estágio Supervisionado teve a intenção de demonstrar a necessidade de uma tomada de atitude através de medidas urgentes, sobretudo educacionais, com o objetivo de mudar essa situação, pois segundo as diretrizes nacionais para a educação no trânsito, a inclusão desse

tema como abordagem transversal na educação torna-se imprescindível, visto que o trabalho permanente na escola possibilitará mudanças de comportamento que contribuirão para garantir a segurança das pessoas no espaço público, e para uma formação ética e cidadã dos educandos com relação ao cotidiano. Sobre a Intervenção pedagógica.

Essa transformação é percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas, essa pesquisa vai assumindo o caráter de criticidade e, então, tem se utilizado a conceituação de pesquisa-ação crítica. (FRANCO, 2005, p. 485).

Educar para o trânsito é primordial para a sociedade atual que vivem em um quadro brutal representado por variadas formas de agressões ao homem em seu cotidiano. A escola necessita acompanhar as mudanças sociais preparando o educando para saber transitar no espaço público, além de refletir sobre a questão da ética, ou seja, repensar sobre as diversas faces de conduta ao ser relacionado ao ato de transitar.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S, 1997), trabalhar com o tema ética diz respeito as relações humanas presentes na escola, posto que esta não é um espaço isolado ela ocupa um lugar importante na comunidade. A escola precisa estabelecer uma relação entre ética e trânsito estimulando, dessa maneira, a reflexão do aluno sobre sua conduta e a dos outros, a partir de valores e princípios que norteiam o cotidiano dos alunos, dessa forma.

O ensino de Geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas. (CAVALCANTI, 2002, p. 47).

Acreditamos que o Projeto de Intervenção Pedagógica é essencial para a educação, tendo como principais objetivos potencializar valores, melhorar comportamentos e desenvolver posturas e atitudes frente a realidade social colaborando dessa maneira, com a construção da cidadania do educando.

A Intervenção pedagógica foi realizada com alunos do 8ºano A no período da manhã, no período de 5 de agosto a 29 de outubro de 2013 a turma era composta por 44 alunos, com

ambiente precário para a relação do processo de ensino e aprendizagem. A temática discutida foi “EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO”, sendo o grande desafio da experiência, o planejamento à construção do projeto de intervenção pedagógica, fundamental para a intervenção em uma escola campo de estágio. Os frutos da aprendizagem teórica adquirida na universidade e transformadas em ações pedagógicas. Logo, contribuindo para consolidar conhecimentos, habilidades e atitudes, com a aquisição de saberes significativos para a comunidade escolar, através da educação de trânsito, que segundo a política nacional de trânsito...

... A Educação para o trânsito ultrapassa a mera transmissão de informações. Tem como foco o ser humano e trabalha a possibilidade de mudança de valores, comportamentos e atitudes. Não se limita a eventos esporádicos e não permite ações descoordenadas. Pressupõe um processo de aprendizagem continuada e deve utilizar metodologias diversas para atingir diferentes faixas etárias e clientela diferenciada. (PNT, 2004, p. 22).

Sabe-se que existem pessoas que roubam uma vaga, furam uma fila, dirigem em alta velocidade, despejam lixo pelas janelas de seus carros, furam o semáforo, aceleram para obstruir a passagem de outro veículo, enfim, pessoas que, em pequenas ações do dia a dia, não agem eticamente, pois perderam ou ainda não adquiriram o hábito de pensar coletivamente. Ao mesmo tempo em que o trânsito permite o acesso a inúmeros locais onde são oferecidos serviços essenciais, de uso e consumo, ele também é um enorme fonte de problemas: congestionamentos, dificuldades de acesso às pessoas portadoras de deficiência, carência e precariedade no transporte coletivo, poluição do ar, poluição sonora, acidentes com mortes e, ainda, problemas de convivência entre as pessoas. Essa situação desperta um olhar de alerta sobre a cidadania.

Visto os problemas, percebemos que nos últimos anos, o trânsito se tornou questão de saúde pública, pois os maiores números de pacientes em hospitais públicos como: Santa Casa de Misericórdia de Sobral, Hospital regional, e Unidade Mista, são frutos de traumas ocorridos em acidentes, assim como a violência pela intolerância entre condutores de veículos. As estatísticas de acidentes trânsito registrados pela CTTU mostram que de janeiro a dezembro nos anos de 2014 e 2015, a média mensal é de quase 50 acidentes por mês (CTTU/SCS. DEZEMBRO/2015).

O tratamento desses problemas são abordados apenas nas formações de condutores de veículos em autoescolas, sendo que, essa tratativa não resolve os problemas de trânsito. A problemática deve ser tratada pela educação desde os primeiros anos de escolarização. Entretanto, ainda há barreiras para a implantação de projetos para a educação de trânsito nas escolas, destacando-se motivos desde a sobrecarga de trabalho, a quantidade de disciplinas e conteúdos, tempo para planejamento, baixos salários, entre outros. A partir de uma visão ampla é possível propor às escolas um trabalho de transversalização do tema. Entretanto, implementar o trânsito como tema transversal nas escolas é um grande desafio para o professor, requerendo a elaboração de um projeto sério, objetivo bem definido, recursos educativos de qualidade, acompanhamento e avaliação permanentes, como: encontro de professores, com seminários e oficinas, que sensibilizem e incentivem os educadores para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao trânsito na escola.

É fundamental propor a participação da sociedade nas questões relativas ao trânsito da cidade: o que as pessoas pensam, quais os seus anseios, quais as suas necessidades. Pesquisar é fundamental investigando e analisando os problemas antes dar as soluções. Nosso objetivo geral foi inserir a Educação do Trânsito, como tema transversal e como instrumento de conscientização a partir das aulas de Geografia, através da formação ética e cidadã para a convivência social. Contribuindo para a mudança da cultura e comportamento de pedestres, ciclistas e condutores de veículos no trânsito e, conseqüentemente, a diminuição de infrações e acidentes em Sobral, assim como, a partir da intervenção na escola desenvolver projetos educativos voltados à segurança no trânsito.

Portanto, foi possível realizar: oficinas com os alunos para apresentação do projeto de intervenção e pesquisas com dados estatísticos elaborados pela guarda municipal; seções de vídeos educativos abordando valores, e sobre educação do trânsito; debates entre os alunos; encontro com pais, alunos e comunidade, fortalecendo as relações com a escola e promovendo o debate sobre o tema. Portanto, a escolha do tema educação do trânsito, bem como da escola não foi aleatório. Se fez necessário pelo contexto observado em que os alunos da escola vivenciam todos os dias, a falta de respeito e boa conduta no trânsito no Bairro Dom Expedito e na cidade de Sobral.

Discussões como essas se faz necessário nas escolas e a realidade do aluno, para que esses compreendam os problemas da realidade que é por eles vivenciados na sociedade.

Para a realização do projeto, o apoio da Secretaria Municipal de Educação e da Secretária de Segurança Pública foram fundamentais, fortalecendo projetos e iniciativas propostos às instituições de ensino com a educação para o trânsito; Socialização dos trabalhos realizados em sala com a escola; Fortalecimento das parcerias entre secretárias (educação e segurança); Pedestres, ciclistas e condutores de veículos mais conscientes sobre regras e convivência coletiva e em sociedade.

Ao avaliar os resultados, os alunos da turma, finalizaram essa parceria entre universidade-escola, tendo como ponto de partida a intervenção como um instrumento para formação política e cidadão e conseqüentemente, novas posturas e mudanças no dia a dia. Alunos com um novo olhar, não mais aquele que vê apenas o fluxo de veículos, mas fluxo de toda a sociedade e que deve ser feito com respeito e ética.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As impressões retiradas da intervenção pedagógica nos mostra que a formação cidadã do aluno perpassa por temas que dizem respeito ao cotidiano e das ações da sociedade. A Geografia escolar possibilita compreenderem os processos espaciais, que rodeiam o cotidiano escolar e tudo isso deve ser levado em consideração na formação do aluno. As ações da escola e as práticas docentes devem ser pensadas como instrumentos de conscientização e formação, de modo a se construir novos valores e atitudes para a convivência coletiva e na sociedade. Se reafirma a necessidade de muitos outros projetos de intervenções, que possam contribuir para a solução de muitos problemas presentes no cotidiano, promovendo a verdadeira educação de qualidade.

O projeto de intervenção realizado no estágio supervisionado IV nos revelou que se precisa de uma avaliação nas propostas que estão sendo trabalhadas, nas escolas públicas de Sobral, pois só o ensino do português e da matemática, não contribui para uma formação plena do aluno. Os alunos se veem, no processo que engloba o trânsito como um problema social, e identificar esses problemas, requer uma atenção maior na educação, em formar cidadãos mais responsáveis a convivência social.

Não basta formar o aluno apenas para tirar notas boas em avaliações, ou passar em vestibulares e concursos, deve-se pensar na formação humana e respeitosa na vida das pessoas, pois somente assim teremos um mundo com menos conflitos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional – 3º ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Paraâmetros Curriculares Nacionais/ Ministério da Educação. 1997.

BRASIL. Ministério das cidades. Política Nacional de Trânsito. Brasília/DF,2004.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e Práticas de Ensino.** Goiânia, Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, L. S. Ensinar Geografia para a autonomia do pensamento. **Revista da ANPEGE**, v. 7, p. 179-190, 2011.

COSTA, M. T. A. DANTAS, B. A. M. P. A Geografia como base da Cidadania: A melhoria do Processo de Ensino através da Proposição de um Projeto de Intervenção. **XVI Seminário de Pesquisa do CCSA.** ISSN 1808-6381.

FRANCO, M. A. S. **Pedagogia da Pesquisa – Ação.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, p. 483 – 502, set/dez, 2005.

MOREIRA, Ruy. **O Discurso do Avesso:** Para a crítica da Geografia que se ensina/ Ruy Moreira.- São Paulo: Contexto, 2014.

PASSINI, E. Y. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto 2013.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência.** 7. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

VESENTINI, J. W. **O novo papel da escola e do ensino da geografia na época da Terceira Revolução Industrial.** Terra Livre n.11-12, AGB., São Paulo, v. 1, p. 209-224, 1996.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa ação nas organizações.** São Paulo: Atlas, 1997.